

# Entre

MARIANA VIEIRA

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2022

**Entre, mas não se encolha.**

**Entre, mas lembre-se de que a saída  
habita o coração das suas escolhas.**

## Carta aos que ficaram

Quando, no futuro, perguntarem  
sobre o vazio no teu colo  
e sobre as marcas no teu rosto  
e for preciso explicar  
a porta trancada,  
as lentes embaçadas,  
o medo na despensa,  
as luzes apagadas  
e a ausência entre as mãos.

Quando as fotografias estiverem cheias  
dos donos das casas vazias.

Quando procurarem  
pelo teu sorriso esquecido  
sob os panos.

Quando faltar a lembrança  
dos aromas preferidos.

Quando não houver mais estrelas...  
que teus olhos me bastem  
para iluminar o abismo  
desse eterno recomeço.

## Vocação

Pai! Perdoa-me porque escrevo  
e porque bebo dos silêncios  
e sou adicto das emoções.  
Perdoa-me porque me guardo e me protejo,  
e das horas não me recordo  
porque os meus olhos estão pousados em aliteraões  
dantescas.  
E são obsessivos, percorrendo versos  
nas cenas mais torpes.  
Perdoa-me.  
Eu até queria ser corriqueiro;  
bater o ponto na conformidade dos atos normativos  
e arquivar, depois do carimbo, os amores vãos.  
Mas dei para ordenhar a dor  
e tomar do seu mosto madrugadas a fio.  
E depois de tudo esqueço,  
visto o uniforme pelo avesso  
chegando com atraso no serviço.  
Perdoa-me porque não há vinco nas calças,  
nem goma no colarinho.  
E porque não tolero.  
E porque me indigno.  
Perdoa-me por não caber na grelha,

por não constar na etiqueta,  
nem vir com bula.  
Perdoa-me por não entrar na cela  
e desejar, sem modos, a guilhotina.

## Quando morri

Quando morri das primeiras vezes,  
o medo se foi primeiro.  
Ressurreta, acordei sobre o gramado verdejante  
e úmido das águas dos meus temporais.

Quando morri, no início, achei que fosse para sempre  
e que não sobraria mais nada daquilo que eu era —  
o ser suposto e, assim, concebido como gente.

Das minhas mortes primeiras não sobraram as datas,  
porque os números trocaram de mal comigo,  
e tudo o que recebo é o que me chega,  
leve e suficiente,  
pela humanidade do vento.

Quando morri de primeira,  
súbita morta  
me assinava viva e corriqueira.

Quando morri das primeiras vezes,  
o céu se fazia bonito como o cenário do fim.

## Dalva

Empresta-me os teus olhos de certeza  
para que eu possa ver a vida  
com a coragem que se exige.

Mostra-me a trilha a ser percorrida,  
os precipícios a serem evitados,  
e, se possível,  
os atalhos esculpido em sua epiderme  
pelo sopro das intempéries do seu tempo.

Dá-me a ousadia de quem não se economiza,  
de quem se atreve a defender as crias da feroz matilha.

Dá-me de beber do colostro da sua paz de espírito  
e cubra a fragilidade da minha alma  
com a eternidade dos seus afetos.

## Não tenho palavras para as horas certas

Não tenho palavras para as horas certas.  
Tenho nas mãos apenas o que me resta —  
as aparas dos sonhos que um dia tive  
e tudo aquilo o que, disseram, não presta.

Não há caminho certo  
para as palavras estreitas  
que, no diálogo entre as suas sílabas,  
me dizem aquelas coisas todas  
que espreitava a ouvir pelas arestas.

Não tenho palavras  
para dizer sobre o amor que nunca vivo;  
apenas o que testemunho  
pela cópula entre o papel e a pena.

Não tenho palavras para descrever navios  
nem a matéria orgânica do seu mar,  
que um dia espelhou meus desejos,  
que um dia recolheu meus olhos  
e que trouxe o meu corpo  
até as espumas de onde falo  
sobre as escusas de amar.

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Electra LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2022.

---